



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



RUBINÉIA, SP, 29 DE MAIO DE 1998

Eu queria saudar todos aqui presentes, os governadores, o representante do Governador Mário Covas, o nosso querido Vice-Governador Geraldo Alckmin; o Governador de Mato Grosso do Sul, Senhor Wilson Martins; o Governador de Mato Grosso, Dante de Oliveira; os que me acompanham, que daqui a pouco terão oportunidade de expressar suas opiniões; os Ministros, que aqui se encontram; o Ministro dos Transportes, Doutor Eliseu Padilha; os deputados federais, estaduais,

A toda essa gente que aqui está, eu queria expressar a minha enorme satisfação de voltar aqui.

Voltar em um dia glorioso. Vejo que o Deputado Edinho disse com a cabeça que sim, porque ele deve estar se recordando dos tempos que nós sonhávamos do outro lado, lá em Santa Fé do Sul, com a possibilidade de que aqui houvesse, algum dia, uma ponte.

E isto tem um significado imenso para o Brasil. Quando atravessávamos a ponte, eu e os representantes dos acionistas americanos da nossa Ferronorte conversamos e eles diziam o seguinte: que esta obra é comparável a poucas no mundo. E é uma obra que é um marco do Brasil

porque é um velho sonho brasileiro da integração do centro-oeste; sempre povoou este sonho a nossa imaginação. Mesmo a nossa imaginação de crianças, que sempre imaginávamos a marcha para o oeste que, em certos momentos, teve até um certo ímpeto governamental.

E hoje não é um ímpeto governamental, hoje é o ímpeto nacional, é o povo desta região, é o povo do Brasil que acorre de todos os lados para esta região que é rica, que tem enormes quantidades de terras para a agricultura, para os grãos, que tem pecuária, que tem uma riqueza extraordinária, mas que ainda padecia da falta da comunicação.

Hoje, a Deputada Marisa Serrano me disse, no avião, uma coisa, também, que eu quero repetir aqui. Ela disse que em Mato Grosso, agora no nosso governo, nós criamos mais cinco pontes, ligando Mato Grosso do Sul a São Paulo. Cinco pontes. Havia uma. São seis agora. Algumas delas ainda não possuem nem estradas que complementem do outro lado. Isso mostra o Brasil que nos deixa entusiasmados. Um Brasil realmente novo, um Brasil que acredita em si, um Brasil otimista, um Brasil autoconfiante. Citei esses dados, mas tenho certeza – senão o Governador Dante fica enciumado – que lá em Mato Grosso, também, o que nós vemos é um renascimento.

Nós estamos assistindo, por todos os lados, à energia chegando. Energia elétrica, energia a diesel, que era, agora energia a gás. Estamos fazendo esse gasoduto, que é uma obra que tem 3.200 quilômetros de tubos, e vale a pena ver. É preciso que os brasileiros tomem consciência do nosso trabalho, dos nossos brasileiros, para que nós tenhamos orgulho do que nós estamos fazendo com este nosso país.

Quando se cruza uma ponte como esta que nós cruzamos agora, a gente vê o que significa isso de sonho primeiro, trabalho depois e realização. E agora, riqueza. Riqueza não quer dizer, simplesmente, que nós vamos transportar – iremos – muitas toneladas de grãos, mas vamos ter gente também. Vamos facilitar a vida da população desta região. Vai haver mais contato entre os dois lados do rio, vai haver mais atendimento às escolas que forem necessárias, aos hospitais necessários, ao trabalho necessário.

E aqui, nesse *pool* de gente que se juntou para levar adiante essa obra, que foi sonho inicial do Olacir de Moraes, que aqui se encontra e

que sofreu muitas vicissitudes, começou em 1990. E deputados e senadores da região sabem que me empenhei, pessoalmente, para que essa obra pudesse continuar, e o Governador Mário Covas também se empenhou pessoalmente. E também houve o empenho do Governador do Mato Grosso do Sul. Isso foi uma obra de parceria, como é o novo Brasil. E houve apelo a operadores de ferrovias estrangeiras, americanas. O Bradesco compareceu, os fundos de pensão compareceram. Enfim, é uma união de todos para que essa obra pudesse se realizar e frutificar. Não é só isso.

Nós, que somos de São Paulo, sabemos o que está acontecendo em toda essa região do Tietê e do Paraná. E a companhia que faz o progresso desta região nos mostrou dados que dizem o seguinte: nós temos já programado, 14,8 bilhões de reais de investimentos nesta região, gerando 1,7 milhões de empregos.

Não se cria emprego com palavra, com *slogan*, com gritaria. Cria-se com seriedade, com respeito no exterior, com capacidade de planejar, com capacidade de fazer com que os orçamentos não sejam de mentira, que eles sejam reais. Ao fazer-se isso, abrem-se as oportunidades para que haja investimento. Sem investimento, não há emprego. Com o temor do investimento, não há emprego. Temos que ter confiança.

Esta obra é um exemplo de confiança. Do sonho, para chegar à realidade, é preciso que haja uma ponte. Essa ponte é o trabalho sério, confiando que as coisas vão acontecer.

Nós estamos desenhando um outro Brasil. Não digo isso de uma maneira a dizer que é o Governo quem está fazendo ou sou eu. Isso não tem sentido. Somos nós. Nós, solidariamente, estamos fazendo um outro Brasil. Mas nós, solidariamente, temos que também defender o que nós estamos fazendo, afirmar, com coragem, com confiança.

Eu não quero cansá-los. A maioria aqui conhece essas coisas. Eu quero ouvir dos que têm, aqui, experiência. Também não vou ficar repetindo o que todos sabem: o gasoduto Brasil-Bolívia, a conclusão da hidrovia. Aqui está, vem da Bolívia esse gasoduto. Mato Grosso do Sul, São Paulo. Ele vai se projetar para cá, para o Rio Grande do Sul. Nós estamos falando, por enquanto, até aqui, São Paulo, mas já estamos

pensando aqui. Isso vai permitir à Ferronorte, que está aqui no entroncamento com Goiás, Mato Grosso do Sul, chegar à fronteira de Mato Grosso. Como eu disse há pouco, nós vamos fazer um quilômetro por dia de obra, até o ano 2000. E vamos fazer, porque o Brasil tem rumo, vai continuar tendo rumo e vai fazer o que precisa.

Então, essa obra permite esse entroncamento aqui com o porto de Santos. Nós fizemos o porto de Sepetiba, Governo Federal e governo do Rio de Janeiro. Esse porto não é para competir com o de Santos, o que é impossível. O porto de Santos vai crescer mais ainda. O que acontece é que ele vai ser o que se chama, em linguagem de transporte, um *hub*, um porto enorme, no qual aportarão os grandes navios, que, depois, vão precisar de navios de cabotagem para distribuir pelo Brasil afora.

Eu já fui lá no porto de Sepetiba, fui ver o início da obra e voltei, recentemente, está pronto. Era sonho do Rio de Janeiro. Hoje, esse sonho é realidade. Aqui, nós estamos fazendo essa rodovia Fernão Dias, duplicando o que é a maior obra rodoviária em marcha do nosso hemisfério. Ela vai daqui, de Belo Horizonte, chega a São Paulo. Em São Paulo é BR-116, BR-101, em seguida. Chega no Paraná. Duplica aqui, que era um pesadelo de Santa Catarina. Isto aqui era o pesadelo de Santa Catarina.

Eu vou, daqui a pouco, não sei se inaugurar – estou pouco preocupado se inauguro ou não. O importante é o Brasil fazer. E vai fazer. E vai fazer e nós vamos a Osório, lá no Rio Grande do Sul, terra do Eliseu Padilha. E nós vamos lá, para Osório, para mostrar ao Rio Grande que nós estamos duplicando até aqui. São milhares de quilômetros, 2 mil, 3 mil, não sei quantos.

Agora, para terminar, para não cansá-los, isso não se faz ao sabor das pressões. Isso se faz na compreensão de um novo modelo de desenvolvimento para o Brasil. Eu poderia repetir para vocês o que estamos fazendo em cada área do Brasil, no Nordeste, lá em cima, na Região Amazônica.

Daqui a pouco, estarei no Pará, onde estamos fazendo uma revolução nos transportes e na energia, uma revolução na questão da hidrovia. Nós estamos recuperando a hidrovia como modo de transporte, recuperando a ferrovia, fazendo com que haja intermodalidade.

Tudo que há anos se dizia, que eu via nos livros que era necessário fazer, estamos fazendo. Isso poderia repetir por todos os dados, mas a concepção é a mesma. Isso aqui é um corredor. Aqui, ao redor de todos esses eixos, tanto das ferrovias, quanto das hidrovias, quanto das rodovias, crescem cidades, crescem indústrias, localiza-se gente para trabalhar, aumenta a produção, barateia o “custo Brasil”, diminui o custo da nossa exportação, competimos melhor lá fora. Enfim, nos preparamos para entrar nesse mundo, que é, sim, um mundo interconectado, globalizado, mas no qual nós temos que defender a nossa parte.

E o que faço, como Presidente da República, pelo mundo afora é defender o emprego do Brasil. E, quando estou na Organização Mundial do Comércio (OMC), gritando contra o protecionismo, ou quando estou discutindo com empresários, na Inglaterra ou nos Estados Unidos ou onde seja, o que estou é criando condições para o Brasil se desenvolver.

Nós não podemos mais ter uma visão pequena. Não podemos mais ter uma visão de que nós resolvemos as coisas aqui, entre nós. Ninguém mais resolve nada sozinho. Mas nós precisamos ter confiança na nossa força. Nós temos um grande país, com um grande povo. Nós temos que afirmar, sem bazófia, com irmandade, sobretudo com irmandade com nossos vizinhos. Aqui, aproveito para saudar o Ministro da Bolívia, que veio aqui, num gesto de simpatia do Governo da Bolívia para com o Brasil. Aí está. Porque, hoje, o que se fizer no Brasil vai repercutir na Bolívia, e vice-versa. E, amanhã, faremos estradas na Bolívia, como estamos juntos. Como estamos com o Paraguai, estamos com a Venezuela, com o Uruguai, com a Argentina, organizando o espaço da América do Sul. Porque nós temos um projeto. Nós não estamos fazendo obras ao acaso. Nós não estamos fazendo obras para agradar o deputado qual, o senador qual, o ministro tal ou o presidente qual. Não. Nós temos um desenho, um redesenho do Brasil, sempre na concepção desses corredores.

Poderia – já disse – mostrar, em cada uma das partes do Brasil, a mesma coisa que nós estamos assistindo aqui. Nós estamos redesenhando a nossa geografia econômica. E nós estamos redesenhando o

Brasil no berço da América do Sul – no berço da América do Sul. Não é para o Brasil ter uma influência hegemônica na América do Sul. Isto é o passado. Ninguém quer saber mais disso. Nós queremos estar no berço mesmo, como irmãos, como nascemos juntos nessa região do mundo. E vamos crescer juntos. E crescer com confiança, nós todos.

E, aqui, nesta cidade, como foi há pouco, em Aparecida, nós estamos fazendo marco deste novo Brasil.

Finalizo, antes de pedir que os nossos companheiros digam algumas palavras – os da região – dizendo que sinto orgulho de ser brasileiro, orgulho de ter um povo que, com todas as dificuldades, temos superado, como vocês sabem, com a maior inflação possível, durante décadas. Temos superado crises políticas imensas, com *impeachments*. Temos superado várias crises econômicas, que caro nos custaram, como essa última de outubro – caro nos custaram, mas estamos de cabeça em pé. Outros não conseguiram fazer o que nós fizemos, porque não tiveram a determinação, não tiveram a coragem de arriscar a impopularidade para salvar o País. Fiz isso. E vou continuar fazendo, porque não há nada que me comovia mais do que ver este povo trabalhador do Brasil e a consciência que eu tenho de que este é um grande país e que pode, realmente, dar um salto imenso, se nós não perdermos o rumo. Nós não vamos perder o rumo.

Antes de passarmos ao ar livre, eu queria dizer, para terminar, mais uma palavra de agradecimento. Primeiro, lamento que o Governador Mário Covas não esteja aqui. Não está por razões de força maior. Covas lutou também por essa ponte. São Paulo botou recursos nessa ponte. Geraldo Alckmin, que o representa – e ele está muito bem representado pelo Vice-Governador –, é um homem que está também identificado com estes objetivos. O Governador Wilson Martins, da mesma maneira. Também esteve o tempo todo solidário e buscando o interesse de todos nós, como o Governador Dante de Oliveira. E os dois juntos vivem atrás do projeto Pantanal.

O projeto Pantanal está no limite de ser aprovado no Senado. É outro projeto importante, porque, ao lado das construções, ao lado da necessidade que temos de produzir mais, temos que cuidar do meio

ambiente. E cuidar do meio ambiente é saneamento básico, é dotar as cidades de esgoto, de água encanada. E é isso que nós vamos fazer no Pantanal, na região dos dois Mato Grossos. E isso foi esforço desses governadores.

Isso é uma marca nova. É a marca de governos que pensam, realmente, a longo prazo, que pensam no povo, que têm seriedade e que cumprem aquilo que dizem que vão fazer.

Eu também quero dar uma palavra de agradecimento à iniciativa privada, a todos da iniciativa privada que aqui se encontram, que se juntaram a nós nesse esforço. Já agradeci, em outra oportunidade, o esforço dos técnicos, dos engenheiros e dos operários.

Essa ponte, além de ser, como eu disse, um marco na engenharia e com esse aspecto internacional, que tem pilotos de 60 metros de profundidade dentro d'água, fundamentos de 60 metros de estacas dentro d'água, que é a maior do mundo, para garantir a passagem de um peso enorme pela ponte, além disso, além da beleza dessa ponte, significou a capacidade de criação, de inventiva brasileira. Essa ponte é realmente feita pelos nossos técnicos, pela nossa engenharia, uma grande engenharia. E, quando eu digo engenharia, não é só o engenheiro. É quem está na prancheta, é quem é o chefe do canteiro, é o trabalhador mais simples, é o carregador de pedra, porque ninguém faz nada sozinho. Só se faz solidariamente.

Então, agradeço, imensamente. Agradeço também – e seria correto dizer – a todos os parlamentares, não só aos que estão aqui, mas também aos que não puderam vir, como o ex-governador e deputado Franco Montoro, que sonhou muito com a hidrovia Tietê-Paraná e não pôde vir hoje; agradeço aos nossos senadores que aqui estão, que têm tido esse espírito de compreensão de que, como se trata de uma obra dessa envergadura, não há partidos. Há o Brasil.

Viva o Brasil!